

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 02 de janeiro de 2024 às 10h32
Seleção de Notícias

G1 - Globo | BR

Propriedade Intelectual

'Mickey Mouse' vira domínio público e abre a caminho para possíveis batalhas judiciais 3

MUNDO | FRANCE PRESSE

Consultor Jurídico | BR

Direitos Autorais

Imprensa processa chatbots alimentados por textos com direitos autorais 5

'Mickey Mouse' vira domínio público e abre a caminho para possíveis batalhas judiciais

MUNDO



1 de 1

A evolução de 'Mickey Mouse' - Foto: Robyn Beck/AFP

Quase um século depois de estreiar nos cinemas, Mickey Mouse se torna domínio público nesta segunda-feira (1), abrindo caminho para possíveis remakes, spin-offs, adaptações e batalhas legais com os estúdios Disney.

Os **direitos** autorais do curta em preto e branco "Steamboat Willie" (1928), que apresentou ao público o personagem, expiraram após 95 anos, de acordo com a legislação dos Estados Unidos.

A transição neste 1º de janeiro ocupa lugar de destaque nos calendários de todos no mundo do entretenimento: de cineastas, fãs e advogados especializados em **propriedade** intelectual a executivos da Disney - que, no passado, ajudaram a fazer lobby para mudar a lei e prorrogar o vencimento dos **direitos** autorais.

"Este é um momento profundamente simbólico e muito esperado", disse a diretora do Centro Duke para o Estudo do Domínio Público, Jennifer Jenkins. Agora, qualquer um poderá copiar, compartilhar, reutilizar e adaptar "Steamboat Willie" e "Plane Crazy" (outra animação da Disney de 1928) e as primeiras versões dos personagens que aparecem nelas, como Mickey e Minnie.

Uma advertência importante é que as versões mais novas dos personagens, como as do filme "Fantasia", de 1940, não estão sob domínio público. Sendo assim, não podem ser copiadas sem o aval dos advogados da Disney.

Mas os artistas poderiam, por exemplo, criar uma "versão de conscientização sobre as mudanças climáticas" de "Steamboat Willie", na qual o barco de Mickey encalha no leito de um rio seco, ou uma narração feminista em que Minnie assume o leme, explicou Jenkins.

Assim, se inspirariam em reutilizações criativas de outros personagens, cujos **direitos** autorais expiraram recentemente, como Sherlock Holmes e o Ursinho Pooh.

Batalhas judiciais Nem tudo, no entanto, serão flores.

Em uma declaração à AFP, a Disney afirmou que "continuará protegendo (seus) direitos sobre as versões mais modernas do Mickey Mouse e de outras obras que ainda estão sujeitas a **direitos** autorais".

A versão de Mickey em "Steamboat Willie" é, de fato, uma criatura esguia e astuta que muitos espectadores jovens não reconheceriam.

Continuação: 'Mickey Mouse' vira domínio público e abre a caminho para possíveis batalhas judiciais

"O que é de domínio público é uma espécie de bichinho branco e preto horrível", disse o professor da Faculdade de Direito da Loyola, Justin Hughes.

"O Mickey Mouse mais familiar para as gerações atuais de americanos continuará protegido por **direitos** autorais. Não ficaria surpreso se víssemos algumas batalhas judiciais" ou "a Disney educando as pessoas sobre esse ponto". Os criadores que usarem utilizar elementos mais recentes do personagem, como suas bermudas vermelhas ou suas luvas brancas, podem receber advertências legais, antecipou o pesquisador.

Além disso, embora os **direitos** autorais tenham expirado, a marca comercial, não.

Os **direitos** autorais impedem a cópia não autorizada da obra criativa - como livros, filmes e personagens. Eles expiram após um determinado período.

Já as marcas registradas protegem a origem de uma obra, impedindo que qualquer outra pessoa fabrique um produto que possa induzir os consumidores ao erro, fazendo-os acreditar que provém do autor original. Essas podem ser renovadas indefinidamente.

A Disney declarou que fará esforços para se proteger "contra a confusão dos consumidores, causada pelo uso não autorizado do Mickey e dos outros personagens icônicos" do estúdio.

A empresa adicionou um trecho de "Steamboat Wil-

lie" à sequência da abertura de cada filme dos estúdios de animação Walt Disney.

Astúcia "Eles foram muito astutos na Disney: perceberam que o melhor que podiam fazer era estabelecer essa sequência icônica de 'Steamboat Willie' como marca registrada", disse Hughes.

Qualquer pessoa que use a imagem clássica do Mickey no leme do barco em camisetas, bonés ou canecas estará sujeita a ações legais, observou o professor.

Outros especialistas, como Jenkins, estão mais otimistas quanto às liberdades sob o domínio público.

A "Suprema Corte deixou claro que os direitos de marca registrada não poderão ser utilizados para contornar o que a expiração dos **direitos** autorais permite", destaca. Ambas as partes concordam que é provável que a lei seja testada em breve nos tribunais.

Contudo, qualquer um que desejar utilizar a imagem do mascote da Disney "deve agir com cautela e buscar aconselhamento jurídico", indica Hughes.

VÍDEOS: mais assistidos do g1

Imprensa processa chatbots alimentados por textos com direitos autorais



Roubo de propriedade alheia Imprensa processa chatbots alimentados por textos com **direitos** autorais

O jornal The New York Times abriu o caminho, nos EUA, para inúmeros órgãos de imprensa que pretendem reclamar, na justiça, proteção a seus trabalhos criativos, que são usados por grandes empresas de tecnologia artificial, para treinar seus chatbots - sem remuneração e sem pedido de permissão de uso.

Por violação de seus **Direitos** autorais, o jornal moveu uma ação em um tribunal federal de Manhattan, New York, contra a OpenAI, criadora do ChatGPT, e a Microsoft, que tem 49% de participação acionária da OpenAI e criou o Bing Chat.

O NY Times alega que as duas empresas "usaram milhões de seus artigos, protegidos por **direitos** autorais, para construir suas tecnologias que, agora, se tornaram extremamente lucrativas e passaram a competir diretamente com seus próprios serviços", escreveram os advogados do jornal em sua petição.

"Durante meses o NY Times tentou chegar a um acor-

do negociado com as rés, de acordo com sua história de trabalhar produtivamente com as grandes plataformas de tecnologia, permitindo o uso de seu conteúdo em novos produtos digitais (incluindo produtos noticiosos desenvolvidos pela Meta, Google e Apple), em troca de um valor justo por seu conteúdo. Mas, no caso das rés, as negociações não levaram a uma resolução".

"Publicamente, a rés insistem que sua conduta é protegida pelo 'uso justo' (fair use)" - um conceito da lei de **direitos** autorais, que permite o uso de trabalhos alheios se forem substancialmente transformados. A justificativa seria a de que o uso, sem licença, de conteúdo protegido por **direitos** autorais serve a um propósito transformativo. "Mas não há nada de transformativo, nem de uso justo, em copiar conteúdo do NY Times".

"A lei não permite esse tipo de violação sistemática e competitiva que as rés vêm cometendo. Esta ação tem o objetivo de responsabilizá-las pelos bilhões de dólares em danos reais e legais que elas devem, por copiar e usar ilegalmente o trabalho unicamente valioso do NY times", diz a petição.

Em uma declaração, a OpenAI afirmou que respeita os direitos de criadores de conteúdo e que está comprometida a trabalhar com eles "para se assegurar que se beneficiem da tecnologia de IA e dos novos modelos de receita". Disse que as conversações com o NY Times têm sido produtivas e que se surpreendeu com o processo contra ela.

Juristas disseram ao Washington Post que o NY Times - e outras publicações que vierem a processar as rés - terão alta probabilidade de vencer na justiça, se provarem que as violações de **direitos** autorais se devem a reproduções diretas de seu trabalho protegido, em vez de transformações de informações que coletam na internet.

Continuação: Imprensa processa chatbots alimentados por textos com direitos autorais

Isso é o que as ferramentas de IA, tais como o Chat-GPT e o Bing Chat fazem. Seus "grandes modelos de linguagem" (LLMs - large language models) ingerem enormes quantidades de texto, copiados da internet, para aprender as conexões entre palavras e conceitos. E, então, desenvolvem a capacidade de prever que palavra usar em seguida, em uma sentença, o que lhes permite imitar a fala e a escrita humana, explica o Washington Post.

"Atualmente, as empresas OpenAI, Microsoft e Google vêm se recusando a revelar o que entra em seus modelos mais novos. Mas LLMs anteriores mostraram que são incluídas grandes quantidades de conteúdo de organizações noticiosas e de livros", diz o jornal.

Rick Allen, cofundador da Nautilus Productions, empresa de filmagens e produções, e operador do grupo Artists Against Copyright Infringement no Facebook, disse que modelos de IA generativa não funcionam sem a contribuição de criadores de conteúdo.

Mas as empresas de tecnologia devem observar as regras fundamentais de **direitos** autorais, tais como: "número 1, não roube; número 2, se o conteúdo não é seu, peça permissão para usá-lo; número 3, se você precisa desses dados ou dessas informações, pague por eles, como todos os outros fazem. Essa é uma maneira estabelecida de se fazer negócios, mas as empresas de IA a ignoram".

Desde agosto, pelo menos 583 organizações jornalísticas, incluindo o NY Times, o Washington Post

e a Reuters, instalaram bloqueadores em seus websites, para impedir que as empresas de tecnologia continuem "roubando" seu material noticioso, para alimentar seus chatbots.

O Washington Post está acompanhando de perto a ação movida pelo NY Times, para então seguir o mesmo caminho. Uma decisão tomada pelos tribunais federais, nessa ação que deverá chegar à Suprema Corte, irá definir o futuro desenvolvimento dos produtos de IA, diz o Yahoo!finance.

O NY Times prevê que o uso dessa tecnologia também apresenta uma "crise existencial" para as organizações jornalísticas, que vêm lutando para encontrar maneiras de substituir receitas que, antes, geravam através de seus lucrativos produtos impressos.

As versões eletrônicas dos jornais, bem como das publicações eletrônicas, que dependem de anúncios para gerar receitas, também estão sendo ameaçadas pelos chatbots. Além disso, mais de um terço do tráfego no website do NY Times vem de buscas orgânicas. E há um risco de queda das receitas baseadas em busca, também por causa dos chatbots.

O número de jornalistas nas redações declinou em mais de 25%, entre 2008 e 2020, de acordo com pesquisas do Pew Research Center.

João Ozorio De Melo É Correspondente Da Revista

Índice remissivo de assuntos

Propriedade Intelectual
3

Direitos Autorais
3, 5